

A crise e o povo

Diz a anedota que o ditador Vargas tinha um auxiliar que lhe prestava serviço inestimável: relatar-lhe todos os dias o humor popular nas ruas. Não quero, com isso, dizer que o presidente da República deva ou devesse ter tido um funcionário para reportar-lhe o humor popular. Mas não custa buscar traduzir o sentimento de alguns para que, os olhos do dr. Mabuse vendo, não necessite colocar seus ouvidos para saber o que se passa. Dr. Mabuse, para os jovens que não chegaram a conhecê-lo, era um personagem de Fritz Lang, que tinha mil olhos e mil ouvidos — não sei se o sucessor ou o precursor do Grande Irmão.

O pacote do governo não afeta imediata e diretamente os que não são funcionários públicos. Apesar disso, o sentimento generalizado que existia antes da quarta-feira era que o ano de 1999 será muito ruim. O governo agiu bem ao dizer que a situação é difícil, pois assim, pelo menos, fará que os que conseguiram adquirir “espírito econômico” durante o período inflacionário e o mantiveram após o Plano Real, saberão precaver-se agora, antes das festas natalinas, que não terão, estou certo, o calor de que se revestiam no passado.

O temor que se pode perceber não vem do fato de que a CPMF será aumentada. Se não chegar aos 0,38% anunciados, ficarão 0,30% que o senador Antonio Carlos disse serem palatáveis. Não sentiremos esse aumento de 0,2% para 0,3% nesta lenta hemorragia interna que consome a Nação. O medo vem do indefinido. Aliás, é isso exatamente que o define: o medo e a angústia que o acompanha decorrem do fato de não sabermos o que nos espera amanhã. O medo da morte é isto: que virá depois? Os que têm fé — na ressurreição, na transmigração das almas, nas huries do Profeta (seu nome seja louvado), no Nada absoluto —, esses não têm medo da morte. Os outros, os incrédulos, es-

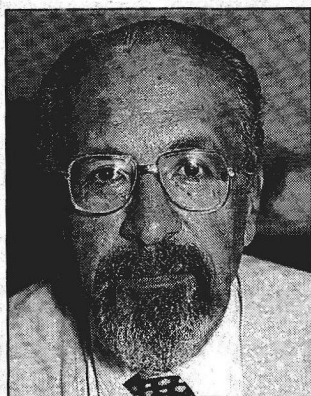
ses sim. Têm medo porque não sabem o que os espera. Por isso se agarram à vida, mesmo sofrendo neste “vale de lágrimas”.

É esse sentimento indefinido de medo do que os aguarda no próximo ano que assalta muitos, especialmente depois de ouvirem pessoas de responsabilidade, como consultores, ex-ministros, dirigentes de entidades patronais falarem na recessão que virá. Que não é inevitável, embora sua probabilidade seja grande. Temem perder a possibilidade real de usufruírem aquilo a que julgam ter direito — um direito abstrato para os intelectuais, mas concreto para os simples.

Muitas vezes conseguimos superar o medo, nutrindo a esperança de que o amanhã será melhor — embora esse amanhã possa estar recuado no tempo. Mesmo não tendo fé na ressurrei-

ção, os que temem a morte alimentam a esperança de que as palavras de Cristo sejam verdadeiras, e as de Paulo mais ainda. Hoje, para muitos, a esperança está desfeita. Desfez-se ao longo de um lento processo em que ao mesmo tempo a moeda se mantinha estável e boa parte da população sentia no seu coração a falta de alguma coisa. Essa “coisa”, os que só sabem falar economia não eram capazes de perceber o que fosse — aliás, nem se preo-

cupavam em saber que a “coisa” existia. No entanto, estava em muitas das pesquisas de opinião em que o prestígio do presidente e do Plano Real aparecia com altos índices de aprovação. Nelas, podia ler-se que os políticos eram malvistas, os empresários, denegridos, o sistema político como um todo, detestado. Sobretudo, lia-se que políticos e empresários não mereciam nenhuma confiança. Se se interpretasse bem esses dados, seria possível ter-se idéia aproximada do que fosse a “coisa”: a falta de uma liderança política mobilizadora das massas. Ninguém prestou atenção. O resultado é que o medo aí está e a esperança se desfez.



■ Oliveira S. Ferreira é jornalista

Há um sentimento difuso de medo acompanhado da falta de esperança no dia de amanhã